

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA INSTITUTO DE FILOSOFIA

Lucas Pereira Latorraca

**O CONHECIMENTO ALQUÍMICO: ASPECTOS INTROVERTIDOS E
EXTROVERTIDOS**

UBERLÂNDIA

2023

Lucas Pereira Latorraca

Data de apresentação: Dia 29 as 15h

**O CONHECIMENTO ALQUÍMICO: ASPECTOS INTROVERTIDOS E
EXTROVERTIDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, como requisito para obtenção do título de bacharel e licenciado em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia da História e Filosofia da religião.

Orientador: Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior.

Uberlândia

2023

Lucas Pereira Latorraca

**O CONHECIMENTO ALQUÍMICO: ASPECTOS INTROVERTIDOS E
EXTROVERTIDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, como requisito para obtenção do título de bacharel e licenciado em Filosofia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior

(UFU-Orientador)

Profa. Me. Bárbara Raffaele Carvalho Santos

(UFU-Arguidora)

Prof. Dr. Luiz Carlos Santos da Silva

(UFU-Arguidora)

Uberlândia

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos Estudiosos das Ciências Humanas, aos meus pais e minha companheira, que me incentivaram e me apoiaram a sempre seguir em frente; e ao meu orientador José Benedito, que me apoiou e ajudou em todo meu processo de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, aos meus pais, Ricardo e Cláudia, por todo seu amor, carinho e ensinamentos ao longo da vida, me dando todo o apoio necessário para essa jornada se realizar.

Agradeço, à minha companheira e a todos meus amigos, que estiveram comigo ao longo da minha vida me dando todo apoio e suporte para que pudesse persistir em minha jornada.

Gostaria de agradecer especialmente ao meu orientador, o professor José Benedito de Almeida Júnior, o Benê, por todo apoio para que este trabalho pudesse ser realizado e por permitir que temas como esse possam ser trabalhados dentro da academia.

Agradeço a todos os professores do corpo docente e técnico do Instituto de Filosofia da UFU que colaboram para minha formação, não somente acadêmica, mas também humana.

Agradeço também a todos os amigos que fiz nestes anos de faculdade, sou muito grato por tudo que aprendi com todos que fizeram parte da minha história nessa jornada pela qual dedico minha vida.

RESUMO

Início este resumo com uma pergunta: o que é alquimia? Essa pergunta por mais que pareça simples, não tem uma resposta fácil, o motivo dessa complicação advém do apagamento que essa área do saber sofreu pela interpretação da ciência moderna. Pretendemos com esse trabalho elucidar o que é alquimia, por uma perspectiva histórica, filosófica e psicológica, estabelecendo a alquimia enquanto um conhecimento possível no mundo contemporâneo. A partir de autoras como Ana GoldFarb, Françoise Bonardel, Marie Louise Von Franz e autores como Carl G. Jung e Gaston Bachelard, iremos contextualizar a alquimia como uma prática histórica, discernir seus fundamentos por meio da análise de seus diferentes tipos de textos e estabeleceremos sua relevância a partir de seus aspectos simbólicos e psicológicos. Portanto, esse trabalho se dedica a explorar uma perspectiva da alquimia que compreende ela como um conhecimento possível e necessário aos indivíduos, pois, ela é responsável por refletir sobre aspectos da existência humana quais não são da alçada da ciência, como os aspectos simbólicos e subjetivos do ser, tornando-a um conhecimento complementar ao conhecimento científico; e cabe a nós, estudiosos das ciências humanas, organizar e sintetizar esse conhecimento para o melhor discernimento sobre o que é alquimia.

Palavras-chave: Alquimia; Filosofia; Simbólico; Conhecimento; Discernimento.

ABSTRACT

I start this abstract with a question: what is alchemy? This question, as simple as it may seem, does not have an easy answer. The reason for this complication comes from the erasure that this area of knowledge has suffered through the interpretation of modern science. With this work, we intend to elucidate what alchemy is, from a historical, philosophical and psychological perspective; We aim to establish alchemy as a possible knowledge in the contemporary world. From authors such as Ana GoldFarb, Françoise Bonardel, Marie Louise Von Franz, Carl G. Jung and Gaston Bachelard, we will contextualize alchemy as a historical practice, discern its foundations through the analysis of its different types of texts and establish its relevance based on its symbolic and psychological aspects. Therefore, this work is dedicated to exploring a perspective on alchemy that understands it as possible and necessary knowledge for individuals, as it is responsible for reflecting on aspects of human existence that are not within the scope of science, such as symbolic and subjective aspects. of being, making it complementary knowledge to scientific knowledge; and it is up to us, scholars of the human sciences, to organize and synthesize this knowledge so that it is possible to discern what alchemy is.

Keywords: Alchemy; Philosophy; Symbolic; Knowledge; Discernment.

SUMÁRIO

Ouroboros	8
1. INTRODUÇÃO	9
1.1 História da alquimia	10
1.2 Alquimia por uma perspectiva psicológica	14
2. TEXTOS INTROVERTIDOS E EXTROVERTIDOS DA ALQUIMIA.....	19
2.1 Aspectos Introvertidos e Extrovertidos	20
2.2 Textos Introvertidos.....	22
2.3 Textos Extrovertidos	28
3. ALQUIMIA NA CONTEMPORANEIDADE	34
3.1 Contribuições para a Ciência	35
3.2 Alquimia e as ciências humanas.....	36
3.3 Alquimia e cultura	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	43

Ouroboros

Figura 1 - Ouroboros da obra Theodoros Pelacanos de Synosius.



Fonte: Klossowski (1996).

A imagem acima traz o símbolo do Ouroboros, representado por uma serpente ou dragão que morde a própria cauda, formando um círculo, representa a ideia de que “tudo é um”, simboliza a natureza cíclica e eterna do universo, “desde o um para o um”, desde a criação até a destruição¹. Símbolo de totalidade e integração, suas cores são parte da mensagem, o verde é iniciação e o vermelho é associado a Grande Obra da alquimia.

¹ Cf. KLOSSOWSKI, Stanislas Rola. **Alquimia: a arte secreta (coleção mitos, deuses, mistérios)**. Edições Delprado, Curitiba (PR), 1996, p128.

1. INTRODUÇÃO

Enquanto estudante de filosofia da UFU, tive a oportunidade de estudar questões da filosofia da ciência durante minha jornada no curso, ao ponto que reproduzia diversos preconceitos que partem de uma visão cientificista acerca de como se produzir conhecimento. No momento em que dei abertura a novas leituras, que trabalhavam por outras perspectivas filosóficas, pude me distanciar da leitura cientificista e compreender de modo mais amplo a importância de cada modo de produzir conhecimento. A Alquimia era um exemplo clássico, de meus preconceitos, porém ao tentar entendê-la, não por uma perspectiva literal, lógica e objetiva, mas como um conhecimento interpretativo, simbólico e subjetivo, pude compreender a grandeza e relevância da mensagem passada. Esse percurso me trouxe até o momento presente da produção desse trabalho, no qual pretendo explicar sobre como a alquimia pode ser entendida; para além da interpretação da ciência moderna, resgatando seus aspectos históricos, simbólicos e psicológicos que em meio ao seu apagamento foram deixados de lado. O intuito é evidenciar os preconceitos construídos em torno dessa área do saber, para então restabelecê-la como um conhecimento possível, não contrário ao conhecimento científico, mas complementar.

Como o presente trabalho visa compreender o significado de Alquimia; para além de sua interpretação tradicional, feita pelo paradigma da ciência. Será trabalhada uma perspectiva histórica sobre Alquimia a partir de interpretações feitas pela historiadora Ana Maria GoldFarb, em seu livro *Da Alquimia à Química*. Também utilizaremos as interpretações de Jung e Marie von Franz sobre Alquimia e o livro *Filósofos do fogo*, de Françoise Bonardel. A partir desses autores, estabeleceremos uma perspectiva histórica que nos dê base para apresentar seus aspectos simbólicos e diferenciar os seus tipos de leitura, para finalmente chegarmos à alquimia na contemporaneidade, na qual será ressaltada sua viva expressão simbólica que remanesce na sociedade.

A alquimia, enquanto tema central deste TCC; é um campo intrincado e fascinante que abarca não apenas práticas ancestrais de transformação de metais, mas também uma filosofia complexa que permeia diversas culturas ao longo da história. Um dos objetivos dessa pesquisa se fundamenta na necessidade de compreender a alquimia não apenas como uma precursora da química moderna, mas como uma disciplina que transcende as fronteiras entre ciência, espiritualidade e filosofia. Explorar os conceitos, símbolos e práticas alquímicas é essencial para desvendar sua influência nas ciências e nas cosmovisões de diferentes épocas, e como essas influências ecoam na contemporaneidade. Este estudo busca, assim, lançar luz sobre um

conhecimento muitas vezes mal compreendido e subestimado, ressaltando sua relevância e contribuições para a compreensão da natureza humana e seus símbolos.

Os objetivos deste TCC estão delineados com o propósito de compreender a alquimia por uma perspectiva histórica, psicológica e filosófica. Em primeiro lugar, busca-se traçar um minucioso percurso histórico da alquimia, analisando suas origens, desenvolvimento e influências ao longo das eras. Este objetivo permitirá uma compreensão mais abrangente das bases sobre as quais a alquimia foi construída e como evoluiu ao longo do tempo. Além disso, pretende-se interpretar tanto os textos introvertidos quanto os extrovertidos da alquimia, visando uma compreensão mais completa dessa disciplina. Isso inclui a análise simbólica presente nos textos introvertidos e as práticas experimentais e materiais destacadas nos textos extrovertidos. Por fim, busca-se resgatar uma interpretação coerente da alquimia que a situe de forma significativa na contemporaneidade, conectando-a aos avanços modernos e explorando sua relevância filosófica e prática nos dias de hoje. Esses objetivos almejam desvendar a alquimia em sua complexidade e demonstrar sua importância contínua no entendimento humano e científico.

A metodologia adotada neste trabalho é fundamentada em uma abordagem interdisciplinar que busca enriquecer a compreensão da alquimia. Inicialmente, utilizaremos a obra *Da alquimia à Química* de Ana GoldFarb para contextualização histórica, explorando o surgimento e a evolução da alquimia ao longo dos séculos. Em seguida, será conduzida uma análise simbólica da alquimia com base nas perspectivas psicológicas de Carl Jung e Marie von Franz, utilizando suas obras como guias para interpretar os símbolos e significados presentes na alquimia. Além disso, será incorporada a contribuição de Françoise Bonardel em seu livro *Filosofar pelo fogo* para interpretar as diferentes tendências dos textos alquímicos, possibilitando uma análise crítica das abordagens introvertidas e extrovertidas. Essa abordagem metodológica visa proporcionar uma visão abrangente e profunda da alquimia, explorando suas dimensões históricas, simbólicas e textuais.

1.1 História da alquimia

A alquimia é uma antiga disciplina que surgiu na antiguidade greco-romana e se desenvolveu ao longo da Idade Média e do Renascimento. Historicamente, foi uma disciplina que combinou aspectos práticos, filosóficos e espirituais. Ela abrangeu a busca pela pedra filosofal, a transmutação de metais em ouro e a exploração de conhecimentos terapêuticos.

Influenciou áreas como a psicologia e a química e deixou um legado significativo, tanto na história da ciência quanto na cultura e na filosofia. Milton Vargas nos apresenta na introdução do livro *Da Alquimia à Química* a perspectiva de Mircea Eliade sobre a origem da alquimia:

A alquimia, como mostra Eliade, tem algo de muito relacionado com as técnicas arcaicas, mas, por outro lado, aparecem nela crenças auroras da humanidade, as quais devem ter surgido com o despertar da consciência. Contudo, aparecem também na alquimia interpretações sapienciais só possíveis depois do advento das religiões reveladas, da filosofia grega e das profecias judaicas. Tudo isso faz suspeitar de uma origem complexa da alquimia. (GOLDFARB, 2009, p. 16).

Essa origem complexa da alquimia é devido ao seu surgimento em várias culturas de diferentes formas, mas há algo em comum em todas as práticas, pois, se mantém nelas um aspecto mítico e ritualístico em suas relações, no qual, ao decorrer do tempo toma forma e conteúdo, de modo a evidenciar o que chamamos de alquimia.

A prática da alquimia envolvia tanto aspectos práticos quanto filosóficos. Os alquimistas realizavam experimentos em laboratórios, manipulando substâncias e procurando métodos para seus experimentos, alguns alquimistas eram médicos, farmacêuticos ou herbalistas, que buscavam descobrir novas curas e elixires medicinais por meio da alquimia. Outros eram metalúrgicos que possuíam habilidades práticas na fundição e na forja, utilizavam equipamentos como alambiques, cadinhos e fornalhas, para realizar suas experiências. Além dos aspectos práticos, a alquimia também possuía componentes filosóficos e espirituais. A alquimia atraía filósofos, estudiosos e teólogos que viam nessa busca uma oportunidade de explorar questões mais profundas sobre a natureza do mundo, da mente humana e da existência. Como vemos na citação da Marilena Chauí no prefácio do livro *Da Alquimia à Química*:

Nascida dos trabalhos da metalurgia, das ideias chinesas de cura e equilíbrio, da magia estelar persa, do hermetismo egípcio e da interpretação mística da Filosofia grega, a Alquimia, investigação sobre a natureza da matéria e prática laboratorial para nela interferir, define-se primordialmente pelo desejo de conquistar o tempo. (GOLDFARB, 2009, p. 11).

Vemos na citação, a relação do alquimista com o tempo, essa relação se dá pelo fato de que era comum entre vários tipos de alquimistas da antiguidade a manifestação de processos qual pretendia-se obter sucesso em acelerar as produções da própria natureza, sejam os agricultores em acelerar o tempo de plantio ou os ferreiros em acelerar os processos de transformações dos minérios.

A alquimia possui um caráter vitalista, esse aspecto é uma das características mais distintas e essenciais dessa área do saber. O termo "vitalismo" refere-se à crença de que existe

uma força vital ou uma essência espiritual que anima e dá vida a todas as coisas no universo. Na alquimia, essa perspectiva era profundamente enraizada nas práticas e na filosofia dos alquimistas, eles acreditavam que a matéria não era apenas inerte e passiva, mas possuía uma força vital interna que poderia ser despertada, transformada e aperfeiçoada. Eles buscavam descobrir e manipular essa essência vital através de seus experimentos e processos alquímicos. “Tal era o vitalismo associado ao processo de engendramento dos minerais. Após um período de exploração, as minas eram, de acordo com um ritual, novamente fechadas, a fim de dar tempo à terra para gerar novos minerais.” (GOLDFARB, 2009, p. 43).

É importante notar que muitos alquimistas eram amadores ou autodidatas, dedicando-se à alquimia como uma busca pessoal ou espiritual, além de suas ocupações regulares. Ela era também fortemente influenciada por correntes filosóficas e espirituais da época, como o hermetismo, a cabala e a astrologia. Os alquimistas frequentemente utilizavam símbolos e linguagem alegórica para descrever seus processos e conceitos. Eles buscavam uma compreensão profunda da natureza, tanto em termos de suas propriedades físicas quanto de suas implicações simbólicas.

Marie Louise Von Franz nos apresenta que a alquimia teve dois principais polos de fundamento, a reflexão filosófica racional grega e as técnicas de desenvolvimento complexo criadas pelos egípcios. Tendo um polo a filosofia racional grega, aquela qual, os pré-socráticos chamam de filosofia da natureza, que dominava teorias complexas. O outro polo seria no Egito, lugar em que havia se desenvolvido elaboradas técnicas químico-mágicas². Como explicita Marilena Chauí “O alquimista desenvolve um saber teórico e técnico para acelerar o tempo e oferecer aos mortais a imortalidade”³. A partir da união desses dois polos principais que se produz o conhecimento entendido como alquimia, que seria o casamento entre a reflexão filosófica grega com as práticas experimentais de técnicas egípcias.

O começo da alquimia se dá na antiguidade, por volta do século VI a.C., tendo florescido efetivamente na Grécia no segundo e terceiro século da nossa era, sofrendo após isso um declínio gradual que durou até o século X. Nesse período, os textos de alquimia foram

² Marie Louise Von Franz em seu livro *Alquimia e Imaginação Ativa*, utiliza o termo químico-mágico, devido ao fato de que os processos químicos realizados pelos egípcios eram indissociáveis de suas práticas religiosas, por isso, o aspecto espiritual está sempre envolvido nas técnicas químicas desenvolvidas no Egito. Portanto, o termo contempla não só o aspecto técnico, mas também o religioso dessa prática.

³ Citação do Prefácio do livro “Da Alquimia à Química” pág. 12, por Marilena Chauí.

traduzidos para o árabe. O que permitiu a alquimia retornar à civilização cristã na Espanha e Sicília por meio dos árabes e judeus, de modo que adentrou os países ocidentais junto da filosofia escolástica, possibilitando assim continuar se desenvolvendo, na Europa medieval.

Da mesma forma que a alquimia árabe, a europeia nasceu pronta. Isto é: na Europa não houve aquela evolução desde uma técnica mágico-mítica até seu estágio final de interpretação sapiencial sobre a transmutação dos metais, como paralela a um processo de salvação individual. A alquimia chegou à Europa através de traduções de textos árabes, as quais, por sua vez, já eram traduções e adaptações de velhos textos helenísticos ou de tradições caldaicas. Nestes textos originais, a alquimia já tinha adquirido um estágio final, se bem que diferente da europeia; pois que, evidentemente, houve uma reinterpretação cristã ocidental. (GOLDFARB, 2009, p. 30)⁴

Seu ressurgimento, nesse mesmo período, foi marcado por uma ideia que ainda predomina no senso comum contemporâneo: a alquimia como uma prática histórica que envolve a busca pela transmutação de metais e ouro e a descoberta da pedra filosofal. Desenvolvendo-se até o início da era moderna e sendo praticada por muitos cientistas e filósofos de sua época, nesse momento da história a alquimia tomou uma interpretação voltada ao desenvolvimento da ciência moderna, a qual foi instituída como novo paradigma da sociedade.

É de grande importância entender que a partir do século XVII, momento que as ciências modernas começaram a se desenvolver, a leitura sobre o que é alquimia se reduziu a meros aspectos técnicos e formais, se resumindo a uma prática auxiliadora no desenvolvimento da química, assim suas outras características, as que não foram úteis ao desenvolvimento da ciência moderna, foram postas em um grupo de informações invalidadas por suas características místicas e pouco compreensíveis a linguagem científica. Como dito por Milton Vargas na introdução do livro *Da Alquimia à Química*:

Porém, tornou-se inaceitável com o advento da filosofia e da ciência modernas no século XVII, quando espírito e matéria foram irremediavelmente separados como substâncias distintas e incomunicáveis entre si. Com isso a alquimia deixou de ser possível como um todo harmonioso. A “arte alquímica” evoluiu para a química. A “sapiência alquímica” tornou-se uma mística, no pensar de alguns, ou uma subcultura, no de outros. (GOLDFARB, 2009, p. 32).

A partir disso, se cria o entendimento de alquimia que é comumente usada nos tempos atuais, como uma arte religiosa e mística que não tem valor de verdade e só foi útil na medida em que auxiliou o desenvolvimento de outras ciências. Porém, Jung resgata o seu verdadeiro significado e sentido, possibilitando a compreensão da alquimia como uma área do saber na

⁴ Citação de Milton Vargas na Introdução do livro *Da Alquimia à Química*

qual possui relevância a experiência humana, mesmo naquilo que a leitura científica não foi capaz de enxergar. Como vemos na citação de Milton Vargas sobre Jung:

Entretanto, no começo deste século, C. G. Jung elaborou uma nova interpretação dos textos alquímicos. Mostrou fenomenologicamente que a *opus alchimica*⁵ seria uma projeção sobre a matéria do que acontece psicologicamente no processo de individualização. Um processo que pode ocorrer na segunda metade da vida de alguém preocupado com sua melhoria interna ou, em termos religiosos, com a salvação de sua alma (GOLDFARB, 2009, p. 32).

A ciência mecanicista postulou que o mundo era regido por leis naturais objetivas e universais, que poderiam ser descobertas e compreendidas por meio da observação e do método científico. Essa abordagem racional e reducionista propiciou avanços significativos nas ciências naturais, como a física, a química e a biologia. Com a ascensão da ciência mecanicista, a alquimia vitalista gradualmente perdeu espaço como uma disciplina científica reconhecida e passou a ser considerada como uma prática obscura e supersticiosa. A ciência mecanicista trouxe uma nova visão de mundo baseada no conhecimento quantificável e objetivo, um universo inanimado, enquanto a cosmologia da alquimia era vitalista, mágica, mística e técnica. “Em suma, a Alquimia não participa daquilo que é essencial à Química: a separação entre o sujeito e o objeto.” (GOLDFARB, 2009, p..14)⁶.

A alquimia morre para a química nascer, pois seu processo é de ruptura, não de evolução. “Não estamos diante de uma transmutação na Alquimia em Química — maneira “alquímica” de fazer história da ciência — mas diante da mutação que fez a Alquimia morrer quando nasceu a Química,” (GOLDFARB, 2009, p.14). Fica evidente o apagamento da alquimia na história do conhecimento pela interpretação da ciência, mas assim como diz Ana Maria Alfonso-Goldfarb, a alquimia não desapareceu do imaginário humano. Permanece até os dias de hoje, viva, manifesta na cultura e na arte, seus símbolos.

1.2 Alquimia por uma perspectiva psicológica

A psicologia analítica, desenvolvida por Carl Jung, é uma abordagem psicológica que se baseia na ideia de que a psique humana é composta por dois principais aspectos: o ego, que é a consciência, e o inconsciente, que é a parte da psique que não está acessível à consciência.

⁵ Carl Gustav Jung em seu livro *Psicologia e Alquimia* refere-se a *Opus alchimica* ou “*opus alchimicum*” como o trabalho alquímico, que representa um símbolo para o trabalho interior e transformação pessoal (Jung, 1991).

⁶ Citação do Prefácio do livro “Da Alquimia à Química” pág. 14, por Marilena Chauí.

O inconsciente pode ser dividido em dois subtipos: o inconsciente pessoal, que é formado por experiências e memórias reprimidas, e o inconsciente coletivo, que é formado por imagens e símbolos que são compartilhados por todos os seres humanos.

A alquimia, por sua vez, é uma prática que busca a transformação de uma substância bruta em algo mais valioso e puro. Na psicologia analítica, a alquimia é interpretada como uma metáfora do processo de individuação, que é o processo de desenvolvimento do ego em direção a uma maior integração e totalidade. Para Jung, a alquimia é uma área do conhecimento de grande importância para o entendimento da psique humana, ele encontra nela uma fonte rica de imagens simbólicas e arquétipos que podem ser usados para compreender a natureza do inconsciente. Para a psicologia Junguiana, a alquimia não deve ser interpretada literalmente como uma prática que busca a transmutação física dos metais em ouro ou a descoberta de uma pedra mágica capaz de conceder a imortalidade. Ao invés disso, esses elementos da alquimia são vistos como símbolos que representam um processo de transformação interior, que leva à individuação e à integração da personalidade, como afirma o autor: “concluimos que a problemática do processo de formação da personalidade, do processo da individuação, é a que se expressa no simbolismo da alquimia e dos sonhos”⁷.

A busca da pedra filosofal, por exemplo, pode ser entendida como a busca por uma compreensão mais profunda de si mesmo e da vida. Da mesma forma, a transmutação dos metais em ouro pode ser vista como uma metáfora da transformação interior que ocorre durante o processo alquímico. Marie-Louise von Franz explicita em seu livro:

É por isso que todos os verdadeiros cientistas, os verdadeiros pesquisadores entre os alquimistas, dizem: ‘Eu não estou à procura do ouro do homem comum, não estou procurando o ouro vulgar. Estou à procura de um ouro superior, estou procurando algo mais (Isto tem um significado bastante concreto.)’. (VON FRANZ; 1998, p. 15-16).

Vemos nessa citação a verdadeira relação dos alquimistas com o ouro, não um ouro literal, mas figurativo e simbólico, que representa uma ideia de pureza, visto que o ouro dentre todos os outros metais é o que tem maior nível de pureza. Assim como os alquimistas tentavam transmutar metais imperfeitos em ouro, os seres humanos buscam transformar suas imperfeições em qualidades positivas, alcançando uma maior realização pessoal, ou seja, a ideia de transmutar metais em ouro é a ideia de transformar o impuro em puro. Portanto para a psicologia analítica, os alquimistas estavam interessados em transformar a si mesmos, em um processo que envolvia a união dos opostos e a integração de partes inconscientes da psique,

⁷ JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e alquimia**. 2018. p.53

viam a alquimia como uma prática psicológica com objetivo de buscar a individuação, ou seja, a realização de um estado de totalidade e integração da psique.

Marie von Franz compartilhava da visão de Jung de que a alquimia oferecia uma linguagem simbólica profunda para compreender os processos psicológicos e a jornada de individuação. Ela estudou extensivamente os textos alquímicos e analisou suas imagens, símbolos e alegorias em termos psicológicos. Ela viu a alquimia como um esforço humano para integrar opostos e alcançar a totalidade psicológica.

Assim como Jung, Marie von Franz argumentava que os alquimistas, por meio de seus trabalhos, estavam projetando processos internos de transformação psicológica nas operações alquímicas, nas substâncias e nas figuras simbólicas presentes na alquimia. Ela via os textos alquímicos como uma espécie de precursor da psicologia analítica, usando uma linguagem simbólica para descrever a busca pelo equilíbrio e pela totalidade.

A imaginação ativa é uma técnica central na abordagem terapêutica de Jung. Consiste em permitir que imagens, pensamentos e sentimentos venham à consciência de forma ativa e consciente, muitas vezes utilizando técnicas de meditação ou relaxamento. Nesse processo, os conteúdos do inconsciente emergem e são trabalhados conscientemente pelo indivíduo. Marie von Franz ampliou essa técnica ao relacioná-la à alquimia. Ela incentivava os indivíduos a se engajarem na imaginação ativa com base em símbolos alquímicos, convidando-os a explorar e integrar os aspectos inconscientes de si mesmos representados por esses símbolos.

A conexão entre a abordagem junguiana, a alquimia e a imaginação ativa estão na compreensão de que os símbolos alquímicos servem como pontes para o inconsciente, e a exploração consciente desses símbolos pode levar a uma maior consciência de processos internos e, potencialmente, à individuação. A alquimia, com sua rica simbologia, proporciona um terreno fértil para essa exploração. Marie von Franz, ao integrar a alquimia à técnica de imaginação ativa, ofereceu uma maneira prática e simbólica para as pessoas explorarem suas psiques, integrando elementos de sua sombra e alcançando um maior entendimento de si mesmas. Essa abordagem expandiu o escopo da psicologia analítica, proporcionando uma estrutura para a jornada de individuação ancorada em símbolos e mitos antigos, enriquecendo assim a prática terapêutica e pessoal.

Nise da Silveira, uma renomada psiquiatra brasileira e uma das principais figuras na história da psiquiatria e psicologia no Brasil, estudou e aplicou os conceitos de Carl Jung, incluindo sua abordagem na alquimia. Inspirada pelos conceitos junguianos, aplicou essa

interpretação simbólica da alquimia em sua prática clínica. Ela percebeu que as imagens e símbolos presentes nos trabalhos artísticos de seus pacientes psiquiátricos tinham semelhanças marcantes com os símbolos da alquimia. Assim como Jung, ela via a alquimia como uma expressão simbólica do inconsciente coletivo, Nise percebeu que os pacientes se expressavam através de símbolos poderosos e universais em suas criações artísticas.

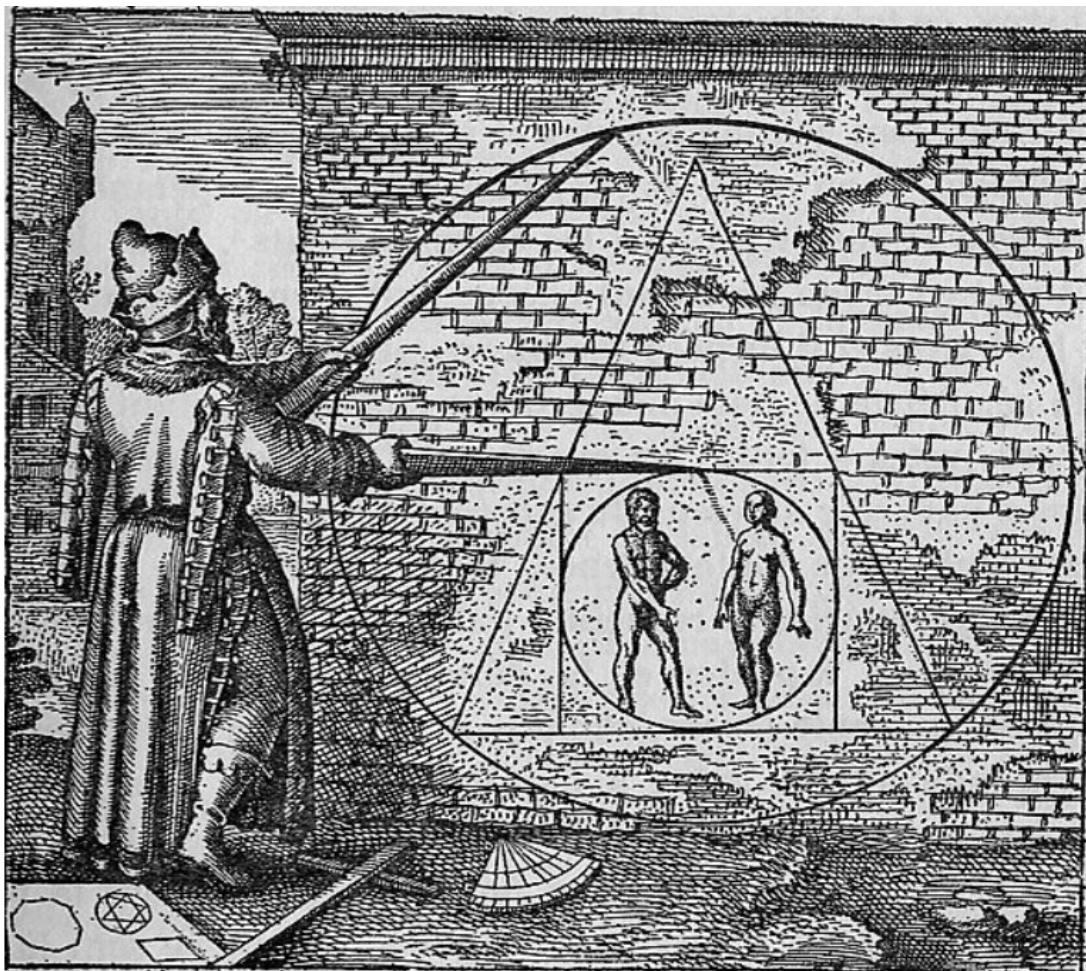
Ela entendia que os pacientes estavam passando por processos de transformação interna semelhantes aos descritos nos textos alquímicos, usando símbolos arquetípicos. Isso a levou a uma abordagem terapêutica inovadora, na qual a expressão criativa, especialmente a arte, era vista como um meio poderoso para o indivíduo se confrontar com seus conflitos internos e iniciar processos de cura e transformação. Nise da Silveira também viu na alquimia uma metáfora para o processo de transformação pessoal, destacando a necessidade de enfrentar e integrar as partes sombrias e luminosas da psique para atingir a totalidade e a individuação.

Portanto, como podemos ver, a alquimia tem diversas contribuições para a área da psicologia, que a partir dos conceitos de Jung foram aplicados por diversos psicólogos que surgiram após seus escritos, dentre suas contribuições está a presença da metáfora da transformação interior que seria uma metáfora similar à transformação dos metais inferiores em ouro, que simboliza a transformação da psique humana da sua forma mais rudimentar para uma forma mais refinada e integrada. Os símbolos e arquétipos, que representam elementos universais e imagens profundas do inconsciente coletivo, refletindo aspectos da psique humana e do processo de individuação. O próprio processo de individuação está presente na jornada alquímica, que inclui as etapas de nigredo, albedo e rubedo, processo que é visto como análogo ao processo de individuação de Jung, que é a busca pela totalidade e pela realização do self. A união dos opostos, que seria o correlacionado com a integração dos aspectos masculinos e femininos dentro de cada indivíduo, é um tema central na psicologia junguiana. O trabalho alquímico introvertido, que seria os processos alquímicos, como a destilação e a fermentação, são interpretados como trabalhos psicológicos internos. Por exemplo, assim como a destilação purifica uma substância, o processo psicológico de confrontar e trabalhar com as partes mais sombrias da psique pode levar a uma purificação e crescimento interior. A busca dos alquimistas pela "Pedra Filosofal", que concederia imortalidade e transformaria metais em ouro, é vista como uma busca simbólica pela iluminação, autoconhecimento e integração psicológica. E por fim, sua contribuição para o desenvolvimento da consciência, sendo a alquimia um caminho para tal, envolvendo a exploração das camadas mais profundas da psique para atingir um estado de consciência mais elevado e integrado.

A interpretação de Jung só é possível no século XX, de modo que predominantemente a interpretação comum de alquimia foi outra, incapaz de compreender esses aspectos mais profundos, se limitando ao superficial. Embora a alquimia não seja uma disciplina científica no sentido moderno, ela oferece um conjunto de conhecimentos e práticas que ampliam nossa compreensão do mundo e do ser humano. As contribuições de Jung e Marie-Louise Von Franz têm sido altamente valorizadas dentro da psicologia analítica e tem influenciado muitos psicoterapeutas e estudiosos, mesmo que suas teorias não sejam vistas como sendo totalmente científicas. É importante lembrar que existem outras abordagens e disciplinas que oferecem compreensão sobre a natureza humana e o mundo ao nosso redor. A diversidade de perspectivas e abordagens enriquece o conhecimento humano, permitindo-nos explorar diferentes facetas da existência e buscar respostas para questões complexas. Embora as teorias de Jung possam não se enquadrar nos moldes tradicionais da ciência, sua importância reside na ampliação do entendimento da psique e na valorização do simbolismo e da espiritualidade como elementos essenciais da experiência humana. A compreensão da psicologia humana não se limita apenas às explicações científicas, mas também pode ser enriquecida por abordagens mais abrangentes, como a alquimia.

2. TEXTOS INTROVERTIDOS E EXTROVERTIDOS DA ALQUIMIA

Figura 2 - Emblema 21 da obra *Atalanta Fugiens* de Michael Maier.



Fonte: Maier, 1984.

A imagem representa a pedra filosofal, que na tradição alquímica é uma substância lendária que, segundo os alquimistas, tinha o poder de transmutar metais comuns em ouro e conceder a imortalidade. Sua interpretação simbólica se dá na busca espiritual pela perfeição e pela transformação interior, essa seria a Grande Obra da alquimia, a jornada para a ascensão da alma. A pedra filosofal representa o processo interno do indivíduo de integração de elementos opostos da psique⁸, de forma a alcançar a autorrealização e harmonia interior.

⁸ Para Carl Gustav Jung, "psique" refere-se à totalidade da mente, incluindo os aspectos conscientes e inconscientes da personalidade (JUNG, Carl G. et al. O homem e seus símbolos, 2016).

2.1 Aspectos Introversos e Extroversos

Marie-Louise von Franz, uma psicanalista suíça e colaboradora próxima de Carl Jung, fez contribuições significativas para a compreensão da alquimia e sua relação com a psicologia analítica. Ela expandiu a teoria de Jung sobre os aspectos introversos e extroversos na alquimia. Essas definições de Marie-Louise von Franz são cruciais para a interpretação da alquimia. Ela destaca que os alquimistas não estavam apenas buscando transformações físicas dos elementos, mas também procuravam compreender e refletir sobre os processos psicológicos e espirituais através de seus experimentos alquímicos. Isso alinha a alquimia com a jornada interior do *self*, um tema central na psicologia analítica.

Ao considerar ambos os aspectos, o introverso (simbolismo) e o aspecto extroverso (operações físicas e químicas) a alquimia é vista como um campo que abrange tanto a exploração prática e empírica das transformações da matéria quanto a jornada simbólica em direção à individuação e à realização psicológica. Essas interpretações são valiosas para a compreensão contemporânea da alquimia, destacando a riqueza simbólica e psicológica presente nas antigas práticas alquímicas, e como esses conceitos podem ser aplicados e enriquecerem a psicologia moderna.

Para compreendermos melhor esses conceitos científicos que envolvem teoria e prática utilizaremos a leitura do livro *Alquimia e Imaginação Ativa* da Marie-Louise von Franz. A autora nos traz a ideia de uma dupla tendência da alquimia, seu aspecto de introversão e extroversão, em que a leitura extroversa será associada aos escritos alquímicos que focam na descrição de como realizar os procedimentos alquímicos, com receitas e medidas, pois o foco desse tipo de obra era a descrição de algum procedimento externo ao indivíduo. Enquanto a leitura introversa, se foca em escritos nos quais o objetivo é aprofundar-se sobre os processos internos da psique do indivíduo, com intuito de trazer consciência a aspectos subjetivos em meio aos procedimentos. Para exemplificarmos sobre a tradição introversa e sobre a abordagem desses autores, vamos trazer uma citação Marie-Louise von Franz em seu livro.

A tradição introversa, por sua vez, mostra uma consciência mais ampla do estado interior e das pressuposições subjetivas e teóricas no âmbito do experimento...Essas pessoas abordavam o problema sob outro pressuposto, o de que o mistério que estavam tentando descobrir, o mistério da estrutura do universo, estava neles mesmos, em seus próprios corpos e naquela parte de sua personalidade que chamamos de inconsciente, mas que eles diriam ser vida de sua própria existência material (VON FRANZ, 1998, p. 15-16).

Compreendemos então que os textos introversos enfatizam a jornada interior, a transformação psicológica e a integração dos opostos, fornecem uma compreensão simbólica e

psicológica mais profunda da alquimia, conectando-se à jornada individual de autoconhecimento. Em contraste, os textos extrovertidos focalizam as operações físicas e químicas, buscando transmutação de metais e a descoberta de processos científicos, mostram a base histórica e prática da alquimia, o que é vital para entender seu contexto histórico e suas contribuições para o desenvolvimento da química. A integração dessas duas perspectivas enriquece nossa compreensão da alquimia.

Os textos extrovertidos da alquimia são aqueles que descrevem o processo de transformação da matéria bruta em algo mais valioso e puro. Esses textos frequentemente utilizam imagens e símbolos relacionados ao mundo exterior, como metais, pedras preciosas e plantas. Na psicologia analítica, os textos extrovertidos representam o ego, que é a parte da psique que está voltada para o mundo exterior. O ego é responsável por nossa interação com o mundo, e é através dele que nos relacionamos com os outros, com o trabalho e com os objetivos da vida. Já os textos introvertidos da alquimia são aqueles que descrevem o processo de transformação do inconsciente em algo mais consciente. Esses textos frequentemente utilizam imagens e símbolos relacionados ao mundo interior, como sonhos, fantasias e arquétipos, que para a psicologia analítica, representa o inconsciente, que é a parte da psique que está voltada para o mundo interior. O inconsciente também é responsável por nossas emoções, memórias e impulsos, e é através dele que nos conectamos com nossa psique profunda. Essa divisão não é absoluta, pois muitos textos alquímicos apresentam elementos de ambas as categorias, porém elas servem de base para discernir a tendência do texto, de acordo com qual aspecto o autor se foca mais em apresentar ao leitor.

Com a compreensão sobre essas duas tendências dos textos alquímicos, introvertidos e extrovertidos, entendemos que enquanto a ciência moderna se foca na interpretação da alquimia pelos seus textos extrovertidos, o Jung e seus alunos focam nos textos introvertidos para estabelecer a conexão da alquimia com sua psicologia. A interpretação da alquimia enquanto processos laboratoriais que tinham como objetivo transmutação de metais e produção da pedra filosofal, advém da interpretação da ciência moderna sobre esses textos extrovertidos da alquimia, quais constituíram essa ideia formal e tecnicista da prática alquímica e subjugaram ela hierarquicamente na história do conhecimento como uma pré-química. Enquanto os textos introvertidos falavam sobre as subjetividades e processos simbólicos do ser, foram associados a superstições e misticismos. Por isso, a leitura da ciência moderna sobre os textos da alquimia tende a desconsiderar a complexidade e riqueza dos textos introvertidos, de modo a reduzi-la a

seus aspectos técnicos dos textos extrovertidos e assim desvalorizar seus aspectos simbólicos e subjetivos. Como a autora diz em seu livro:

Para que possamos entender o mérito do alquimista e não sermos tomados pela tendência moderna de descartar a alquimia com a observação de que nada era quimicamente conhecido, devemos, num esforço de imaginação, tentar visualizar a situação naquela época e deixar que nossos sentimentos remontem aquela situação (VON FRANZ, 1998, p. 22).

Nesse trecho, Marie Louise Von Franz deixa claro que a concepção moderna tem como tendência descartar a alquimia, considerando-a como um tipo de conhecimento inferior à química. Ao mesmo tempo busca trazer a ideia de olhar para a alquimia por meio do sentimento e subjetividade, ou seja, por seus aspectos introvertidos.

É possível perceber o caráter extrovertido da ciência, principalmente, quando analisamos suas interpretações sobre outras áreas do saber. Para Jung o aspecto extrovertido está relacionado ao pensamento e à orientação predominante no Ocidente. Para o autor, no contexto ocidental, o pensamento extrovertido é valorizado e amplamente incentivado, colocando um foco excessivo nas atividades externas. Isso explica o porquê da interpretação extrovertida sobre os conteúdos alquímicos. Há então uma dificuldade da ciência moderna ao interpretar conteúdos de valores introvertidos, sendo através da introversão que o indivíduo pode se conectar com sua vida interior, explorar seu mundo simbólico e desenvolver uma compreensão mais profunda de si mesmo e de seu propósito na vida.

A partir da compreensão conceitual dos diferentes tipos de textos alquímicos devemos então explicar como suas interpretações decorreram historicamente e exemplificar os tipos de textos introvertidos e extrovertidos, com a intenção de esclarecer como os alquimistas trabalhavam seus textos e como se davam essas estruturas, já que ambas as interpretações são complementares para o entendimento da alquimia como um conhecimento prático e simbólico.

2.2 Textos Introvertidos

Para compreendermos os textos introvertidos da alquimia primeiro é necessário saber quem foi Carl G. Jung. No século XX com suas obras *Psicologia e Alquimia* e *Estudos Alquímicos* ele resgatou na alquimia seu aspecto introvertido, isto é, o simbolismo. Para isso, Jung dedicou uma parte substancial de sua vida ao estudo da alquimia e à tradução de textos alquímicos antigos para uma linguagem acessível e compreensível à contemporaneidade. Ele abordou a alquimia não apenas como uma antiga prática química, mas como um sistema

simbólico complexo que reflete processos psicológicos profundos. Ele focou-se na simbologia alquímica, compreendendo que esses símbolos eram representações poderosas de processos psicológicos universais e buscou decifrar o simbolismo, correlacionando-o com os processos psicológicos, arquétipos e à jornada de individuação; e aplicou princípios psicológicos para interpretar os textos alquímicos, enxergando-os como projeções simbólicas da psique humana, identificando paralelos entre os processos alquímicos e o desenvolvimento psicológico, como a integração da sombra⁹, a união dos opostos e a busca pela totalidade.

A partir disso, utilizaremos da leitura do livro *Filosofar pelo Fogo: Antologia De Textos Alquímicos*, uma obra da filósofa e historiadora Françoise Bonardel, publicada em 2006, com a finalidade de identificar e interpretar os textos alquímicos. Esse livro é uma exploração profunda e erudita sobre a filosofia subjacente à prática alquímica e nele iremos encontrar tanto textos de tendência introvertida quanto de tendência extrovertida. Bonardel compreende a dupla tendência da alquimia, “...a expressão dessa dupla exigência, operatória e espiritual...”¹⁰; e as discerne muito bem. A análise dos textos alquímicos selecionados no livro da Bonardel foi realizada a partir das interpretações de Jung em suas obras¹¹ e com o auxílio de alguns dicionários alquímicos¹².

Começaremos apresentando um dos mais fundamentais textos introvertidos da alquimia, a Tábua de Esmeralda, de Hermes Trismegisto, pois ela sintetiza os principais conceitos alquímicos; e utilizaremos das perspectivas de Jung e Bonardel para interpretarmos o texto de forma que seja possível a compreensão de uma interpretação possível desses textos de tendência introvertida da alquimia. Bonardel afirma que a Tábua de Esmeralda pode ser interpretada como um guia para a Grande Obra, que é um processo de transformação interior que leva à iluminação espiritual. Tradução do texto *Tábua de Esmeralda* (Tabula Smaragdina, sec. IX) de Jean-Jacques Manget:

1. É verdade, sem qualquer mentira e muito verídica.
2. O que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é como o que está embaixo, para que se realize o milagre de uma única coisa.

⁹ Para Carl Gustav Jung, A sombra representa os aspectos da personalidade que são inconscientes e, muitas vezes, reprimidos ou negligenciados pela pessoa. (JUNG, Carl G. O eu e o inconsciente, 2011).

¹⁰ Cf. BONARDEL, Françoise. **Filosofar Pelo Fogo: Antologia de textos alquímicos**. Tradução: Idalina Lopes, Madras, São Paulo (SP), 2012, p608.

¹¹ JUNG, Carl Gustav. Estudos alquímicos vol. 13, 2016 & JUNG, Carl G. et al. O homem e seus símbolos, 2016.

¹² FERREIRA, Alvarez; ENCARNACION, Agripina. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos bachelardianos**, 2013 & CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**, 2015.

3. E assim como todas as coisas procederam do Um, somente pela mediação do Único: da mesma forma elas nasceram por adaptação dessa coisa única.
4. Seu pai é o Sol, e a Lua, sua mãe; o vento a carregou em seu ventre e sua ama de leite é a terra.
5. É o pai de todos os milagres do mundo
6. Íntegra é a sua potência, se for convertida em terra.
7. Tu separarás a Terra do Fogo, o sutil do espesso, suavemente e com grande habilidade.
8. Ela se ergue da terra ao céu e então retorna à Terra e recebe a energia das realidades superiores e inferiores; assim tu ganharás a glória do mundo todo, e toda escuridão se afastará de ti.
9. Está em toda sua força a potência suprema, que dominará qualquer realidade sutil e penetrará todo corpo sólido.
10. Assim o mundo foi criado
11. Suas aplicações serão desde então maravilhosas, segundo as seguintes modalidades.
12. É por isso que eu, Hermes, detendo as três partes da filosofia do mundo todo, sou com razão chamado Tris-megisto
13. E assim será realizado o que eu disse quanto a operação do Sol (Bonardel, 2018, p. 381).

A Tábua de Esmeralda é um texto antigo e curto, composto por uma única página e por apenas treze sentenças; é considerado um dos textos mais fundamentais na tradição hermética e alquímica. A autoria é atribuída a Hermes Trismegisto, uma figura lendária que representa uma fusão mitológica entre Hermes, o mensageiro dos deuses na mitologia grega, e Thoth, o deus egípcio da sabedoria e da escrita. Ele é considerado um símbolo da síntese de conhecimento esotérico, incluindo a alquimia, astrologia e filosofia hermética. É importante notar que a autoria real e a data de composição da Tábua de Esmeralda são incertas, mas acredita-se que o texto tenha origem na Alexandria, no Egito, por volta do período helenístico (séculos III a.C. a I d.C.). No entanto, as versões mais conhecidas e a forma atual do texto datam da Idade Média, traduzidas do árabe para o latim.

Françoise Bonardel afirma que os textos alquímicos introvertidos, como a Tábua de Esmeralda, são os mais difíceis de interpretar. Esses textos são geralmente escritos em linguagem simbólica e alegórica, o que dificulta a compreensão do seu significado. Ela argumenta que os textos alquímicos introvertidos devem ser interpretados em um nível simbólico, pois eles representam um caminho de autoconhecimento e transformação espiritual. Ela afirma que esses textos são uma metáfora para a jornada do alquimista, que busca a Grande Obra. Jung da mesma maneira interpreta A Tábua de Esmeralda como um símbolo da busca pela unidade e pela união dos contrários. Para o autor, a Tábua representava um símbolo poderoso do processo de individuação. A Grande Obra, também conhecida como "Magnum

Opus" na alquimia, é o processo da alquimia de ascensão de uma consciência inferior para uma consciência superior; na Tábua de Esmeralda estão descritos quais os princípios necessários para se realizar essa jornada.

A primeira proposição da Tábua de Esmeralda é “É verdade, sem qualquer mentira e muito verídica”, está presente no início do texto para dizer que primeiramente, a Grande Obra é um processo real e possível, que pode ser alcançado por meio do esforço e dedicação. A segunda proposição é "O que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é como o que está embaixo, para que se realize o milagre de uma única coisa." Esta frase representa a união dos opostos, uma reflexão da psique individual e coletiva. Ela evoca a necessidade de integração dos elementos conscientes (representados pelo "em cima") e inconscientes (representados pelo "embaixo") da psique para alcançar a totalidade. Bonardel vê isso como uma expressão da correspondência entre diferentes níveis da realidade, uma reflexão do princípio hermético fundamental; a afirmação reflete a crença de que o que acontece no pequeno (microcosmo) reflete o que acontece no grande (macrocosmo), e vice-versa.

A frase da Tábua de Esmeralda, "E assim como todas as coisas procederam do Um, somente pela mediação do Único: da mesma forma elas nasceram por adaptação dessa coisa única", encapsula uma perspectiva profunda e fundamental na alquimia. A referência ao "Um" representa o inconsciente coletivo, muitas vezes associada ao divino ou ao princípio criativo universal. Esse "Um" é a fonte de tudo o que existe; o caminho para a totalidade é através da unificação da dualidade, representada pela "mediação do Único". Essa unificação é a chave para alcançar a realização e a perfeição, seja na alquimia ou na psique humana.

A proposição "Seu pai é o Sol, e a Lua, sua mãe; o vento a carregou em seu ventre e sua ama de leite é a terra", aqui estão presentes dois símbolos muito comuns na alquimia, em que o sol muitas vezes representa o princípio masculino, enquanto a lua representa o princípio feminino. Juntos, simbolizam a união dos opostos, uma alusão à união de forças contrastantes para alcançar a totalidade, uma ideia central na alquimia. Esse princípio reflete sobre a visão cíclica na alquimia, onde há uma sequência de nascimento, crescimento e nutrição; em que sol e lua representam a gênese e a dualidade inicial, o vento pode simbolizar a transformação e o movimento, e a terra representa a nutrição e a estabilidade.

A afirmação "É o pai de todos os milagres do mundo" é uma expressão simbólica e poética comum na alquimia e na filosofia hermética, onde o termo "milagre" pode ser visto como o processo de transmutação da alquimia. A frase sugere que há um princípio fundamental

que está na raiz de todas as transformações e manifestações no universo, um conceito central na alquimia. Esse princípio é o "pai" de todas as mudanças e evoluções, assim como um pai é a fonte e origem de seus filhos.

Na alquimia, busca-se alcançar a integridade simbolizando a união dos opostos e a totalidade do *self*. O sexto princípio da tábua de esmeralda: "Íntegra é a sua potência, se for convertida em terra" nos mostra a essência da alquimia, onde a transformação, integração e manifestação dos aspectos mais elevados na realidade física são fundamentais. A menção de "terra" indica um dos elementos alquímicos fundamentais e pode simbolizar a manifestação ou a materialização, por isso, toma esse sentido de integrar, transformar e manifestar, princípios da obra alquímica.

Na sétima sentença "Tu separarás a Terra do Fogo, o sutil do espesso, suavemente e com grande habilidade.". Vemos presente novamente os símbolos dos elementos, dessa vez fogo e terra, dois símbolos considerados pela alquimia opostos, representando polaridades, resgatando novamente a ideia de dualidade, em que o sutil pode ser equiparado com o metafísico ou espiritual, enquanto o espesso seria o aspecto material e físico da relação; ressaltando mais uma vez que a jornada da Grande Obra passa pelos princípios de dualidade, e sua capacidade de separá-los e discerni-los.

"Ela se ergue da terra ao céu e então retorna à Terra e recebe a energia das realidades superiores e inferiores; assim tu ganharás a glória do mundo todo, e toda escuridão se afastará de ti.". Analisando essa sentença pela perspectiva jungiana, entendemos que esse é o momento da jornada da psique que envolve uma integração ascendente e descendente de elementos conscientes e inconscientes. É uma busca pela totalidade que incorpora tanto os aspectos elevados e sutis ("céu") quanto os aspectos terrenos, materiais ("terra") da psique. Quando feita essa integração dos opostos, a busca pela totalidade leva a uma realização mais profunda do eu, permitindo a clareza e a compreensão de si mesmo e do mundo, assim afastando a "escuridão", pois a compreensão dos opostos permite uma consciência superior. "Está é em toda sua força a potência suprema, que dominará qualquer realidade sutil e penetrará todo corpo sólido.". Podemos entender da nona sentença que essa potência suprema mencionada representa o ápice da realização alquímica, a realização do Grande Trabalho (a Grande Obra). Na alquimia, essa potência é muitas vezes associada à Pedra Filosofal, um símbolo da transmutação e perfeição.

Na décima sentença "Assim o mundo foi criado", propõe uma visão da criação do mundo. Ela sugere que a essência ou os princípios fundamentais que regem o mundo têm uma ligação intrínseca com os princípios expressos na Tábua de Esmeralda. Assim como diz Françoise Bonardel:

Por isso os alquimistas, gregos e depois cristãos, associaram essa operação tanto a Gênese da bíblia quanto a ressurreição dos corpos no dia do juízo final; e se o hermetismo não é propriamente falando uma religião, a 'revelação' de que ele é o portador contribuiu para que o Cosmos, pequeno e grande, não fosse excluído da história da salvação. Essa visão de um mundo unificado e transfigurado perdurará até os tempos modernos e alimentará ainda a nostalgia do *Fausto* de Goethe (Bonardel, 2012, p. 65-66).

Nessa citação a autora deixa claro que a Tábua de Esmeralda, em questão a décima sentença, e o Hermetismo foi fundamental para a constituição do ideário grego e cristão, qual contribuiu como uma perspectiva de cosmovisão da época, de modo que foi remanescente até na modernidade, expressada inclusive em obras literárias, como citado, o *Fausto* de Goethe. Isso porque, a incorporação desses elementos alquímicos em *Fausto* não é apenas uma questão estilística, mas também reflete as preocupações filosóficas de Goethe, que estava profundamente envolvido em estudos alquímicos e filosóficos ao longo de sua vida. A obra é uma reflexão profunda sobre a condição humana, o conhecimento, a busca da verdade e as consequências de tais buscas.

O 11º princípio da Tábua de Esmeralda faz referência à amplitude e à magnitude das aplicações da compreensão dos princípios fundamentais apresentados até então. "Suas aplicações serão desde então, maravilhosas, segundo as seguintes modalidades.", A palavra "maravilhosas" sugere que o entendimento e a aplicação dos princípios herméticos têm um potencial transformador extraordinário e ao mencionar "segundo as seguintes modalidades", indica que os princípios apresentados têm aplicabilidade em várias áreas ou aspectos da vida.

O 12º princípio faz referência à identidade de Hermes Trismegisto, uma figura central na tradição hermética e alquímica. "É por isso que eu, Hermes, detendo as três partes da filosofia do mundo todo, sou com razão chamado Tris-megisto", assim como Bonardel diz: "O mensageiro dá lugar então ao profeta que preside aos destinos do triplo mundo (mineral, vegetal, animal), e isso tanto na ordem do macrocosmo quanto na microcós mica (corpo, alma, espírito).", afirma a autora quanto a Hermes Trismegisto.

E por fim a 13ª sentença da Tábua de Esmeralda, “E assim será realizado o que eu disse quanto à operação do Sol.” Que se refere à realização da operação alquímica relacionada ao Sol, que pode ser entendida como a busca pela Grande Obra, que seria essa transmutação espiritual e material que leva a iluminação, ela tem esse nome porque o sol representa um símbolo muito importante na alquimia, que seria a luz, a consciência.

A partir dessa interpretação utilizando Jung e Bonardel para compreendermos as sentenças da Tábua de Esmeralda, vemos como um texto introvertido da alquimia contém muita interpretação a ser feita para se chegar a uma ideia acessível a linguagem contemporânea, não são textos de simples interpretação, porém contém muita sabedoria em suas palavras, pois tem uma conotação simbólica e deve ser interpretado como tal.

Concluimos que os textos alquímicos introvertidos são uma fonte de sabedoria e inspiração, mas que eles requerem um grande esforço de interpretação para serem compreendidos de maneira aprofundada. Bonardel enfatiza que os textos introvertidos da alquimia são repletos de símbolos profundos, os quais não devem ser interpretados de maneira literal, mas simbólica. Esses símbolos são veículos de conhecimento que descrevem processos internos, psicológicos e filosóficos mais do que processos físicos ou químicos.

2.3 Textos Extrovertidos

Os "textos extrovertidos" na alquimia se referem a escritos ou trabalhos alquímicos que tratam explicitamente da transformação e manipulação de materiais físicos, muitas vezes buscando a transmutação de metais inferiores em ouro, a criação de elixires da longa vida, ou a descoberta de panacéias universais. Esses textos estão focados nas práticas, experimentos e métodos alquímicos relacionados ao mundo material e suas transformações. Diferente dos textos introvertidos, os textos extrovertidos são geralmente escritos de modo mais objetivo, e descrevem os procedimentos e técnicas alquímicas de forma precisa e detalhada. A função dos textos extrovertidos na alquimia é fornecer um guia para a prática alquímica. Esses textos são destinados a alquimistas que desejam aprender as técnicas e procedimentos necessários para realizar a transmutação dos metais.

A história dos textos extrovertidos na alquimia remonta à Antiguidade. O primeiro texto alquímico conhecido, o Corpus Hermeticum, é um conjunto de textos escritos em grego durante

o período helenístico (323-30 a.C.). O Corpus Hermeticum contém uma série de ensinamentos alquímicos, incluindo instruções sobre como preparar a Pedra Filosofal. Além dele, há diversas outras obras, como o “Livro dos Sete Portas da Sabedoria”, de Geber, ele é um manual de alquimia que descreve os procedimentos e técnicas alquímicas de forma detalhada; temos também um dos mais importantes textos alquímicos do Renascimento, o “Tratado do Ouro Sublimado”, de pseudo-Democrito, ele é um texto esotérico que contém uma série de ensinamentos alquímicos, incluindo instruções sobre como preparar a Pedra Filosofal.

Para interpretarmos os textos extrovertidos, utilizaremos uma leitura de Zósimo de Panópolis, que se chama “Sobre a Água Divina”. Zósimo foi um alquimista egípcio ou grego e místico gnóstico do final do século III e início do IV, é considerado um dos fundadores da alquimia ocidental. Seus escritos são importantes porque fornecem uma visão da prática alquímica na época. Os escritos de Zósimo são divididos em dois grupos: os de caráter extrovertido, também podem ser chamados de tratados exotéricos, e os textos de tendência introvertida, também chamados de tratados esotéricos. Os tratados exotéricos são escritos em linguagem direta e objetiva, e descrevem os procedimentos e técnicas alquímicas de forma precisa e detalhada. Os tratados esotéricos são escritos em linguagem simbólica e alegórica, e são interpretados de diferentes maneiras por estudiosos. Iremos utilizar a tradução do texto de Zósimo de Panópoles, sobre a Água Divina:

Preparação da água divina:

Pegue alguns ovos, a quantidade que desejar, ferva-os e, depois de tê-los quebrado, retire toda a clara, mas não use a casca. Pegue um vaso de vidro macho e fêmea, este que é chamado de alambique, jogue nele as gemas dos ovos e use as seguintes medidas: uma onça de gema; dois quilates de casca dos ovos calcinada, nem mais nem menos, mas apenas como está escrito. Em seguida triture; depois, pegue outros ovos, quebre-os e jogue-os no alambique com as gemas batidas, de modo que os ovos inteiros sejam recobertos pelas gemas.

Vede o alambique e sua tampa ao recipiente, com muito cuidado, servindo-se da gordura, ou do gesso, ou então de cera de abelha, ou de cinzas misturadas com óleo, ou com o que você bem desejar. Faça digerir no esterco de cavalo ou de asno, ou no fogo de serragem de madeira, ou no forno de padeiro. Empregue qualquer gênero de calefação conveniente, no grau que a mão humana possa suportar.

Que o lugar onde os aparelhos estão instalados esteja protegido do vento, que ele receba luz do leste ou do sul, mas não a do poente, ou do norte, ou do noroeste, ou do nordeste, por causa do resfriamento. Deixe digerir durante 14 ou 21 dias, até que cesse a subida dos vapores; e mantenha cuidadosamente apertadas as junções do aparelho, a fim de conservar o odor, pois, se ele escapar, todo o trabalho estará perdido. Com efeito, esse odor é muito

desagradável, e é nesse odor que reside o trabalho (Bonardel, 2018, p. 320-321).

Como podemos ver no texto de Zósimo, diferentemente da interpretação dos textos introvertidos, apresentados anteriormente, esse não usa linguagem simbólica ou alegórica, mas descreve os procedimentos e técnicas alquímicas de forma precisa e detalhada. O autor fornece no texto um procedimento experimental minucioso, indicando passo a passo o que deve ser feito para realizar a operação alquímica, desde a seleção dos materiais até o método de aquecimento. Considerando que é um texto da antiguidade, com termos e modos de descrever as relações datadas da episteme de uma época, ainda se encontra uma descrição muito similar a qual utilizamos hoje em nossos experimentos. Além dessas características, o texto também apresenta algumas características específicas da obra de Zósimo. Por exemplo, o texto faz referência à "água divina", que é um conceito importante na alquimia do autor. A água divina é um composto alquímico que é supostamente capaz de curar doenças, prolongar a vida e até mesmo conceder a imortalidade. Portanto, está sendo tratado no texto o processo descritivo de como preparar a água divina.

O texto também apresenta alguns elementos introvertidos. Por exemplo, o texto faz referência à "água divina", que é um conceito simbólico e alegórico. A água divina é um símbolo da sabedoria e da iluminação espiritual, porém do mesmo modo a estrutura e organização do texto nos mostra um processo detalhado de um experimento laboratorial. Essa estrutura nos permite compreender como as tendências dos textos alquímicos são mútuas, o que analisamos para considerá-las como uma ou outra, são sua predominância na estrutura interpretativa dos textos, e como foram realizadas essa leitura posteriormente, pela ciência moderna.

Outro exemplo clássico de uma literatura alquímica de cunho extrovertido é a reconhecida Maria Judia, ou Maria a Profetisa. Ela foi uma alquimista grega que viveu no Egito por volta do ano 273 a.C., sendo considerada uma das alquimistas mais importantes da história, e seus escritos são fonte de inspiração para muitos alquimistas modernos. A ela são atribuídas diversas práticas e experimentos alquímicos; sua associação com a criação de equipamentos e instrumentos alquímicos, bem como com experimentos de destilação e transformação de substâncias, contribui para a tradição alquímica que influenciou gerações posteriores de alquimistas.

Figura 3 - Imagem do livro *Os Alquimistas Judeus*, representando o banho-maria.

OS ALQUIMISTAS JUDEUS

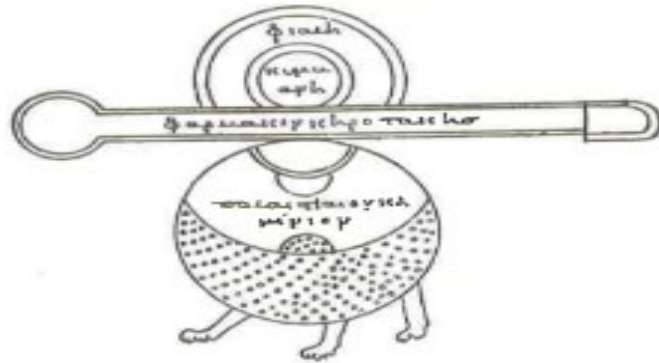


Figura 5.1.

Desenho do bain-marie.

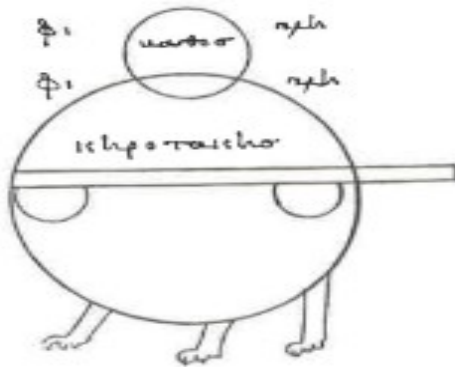


Figura 5.2.

Outro desenho do bain-marie.

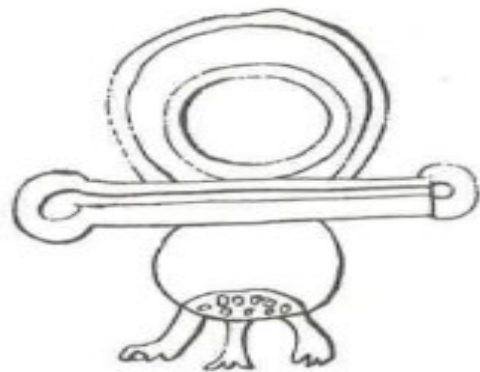


Figura 5.3.

Desenho esquemático do bain-marie

Fonte: Patai (2009).

Maria também é creditada com a invenção do banho maria, como exemplificada pela imagem acima, um dispositivo de laboratório que é usado para aquecer substâncias de forma uniforme. O banho maria é um dispositivo simples, mas é extremamente útil na alquimia, e é usado até hoje. Como vemos por William Salmon na descrição do Glossário de Bonardel:

Banho-maria (ou marinho): 'Ele se faz em um caldeirão ou outro vaso, o qual é de ordinário uma cucúrbita ou pote de vidro, de terra ou de cobre, onde se coloca alguma coisa para destilar ou para digerir. Chama-se Banho Marinho, porque o vaso que ali se coloca banha como em um mar. Alguns o chamam Banho-Maria, querendo dizer que ele foi inventado por Maria, a Profetisa; mas provavelmente a palavra maria foi corrompida e tomada por Marinho'. (BONARDEL, 2012, p. 587).

Vemos aqui, mais um exemplo do caráter extrovertido da alquimia. Percebemos que os alquimistas, enquanto buscavam seus processos de transmutação, desenvolveram métodos experimentais que mais tarde foram fundamentais para o desenvolvimento do método

científico. Como os alquimistas foram os primeiros a realizar experimentos sistemáticos com substâncias químicas, e seus escritos documentaram esses experimentos. Os textos extrovertidos da alquimia inspiraram o desenvolvimento de novas técnicas e tecnologias e serviram como uma fonte importante de informações para os primeiros químicos, que foram capazes de construir sobre os conhecimentos e técnicas alquímicas.

A partir dessas interpretações identificamos as diferentes características que possuem as tendências extrovertidas e introvertidas, enquanto um dá foco a estrutura e descrição técnica dos procedimentos o outro se foca em sintetizar em seus textos aspectos simbólicos de interpretação reflexiva. A ideia de uma concepção coerente sobre o conceito de alquimia, que esteja alinhado com seu trajeto histórico, se dá nessa relação entre seus aspectos introvertidos e extrovertidos. Entender que sua interpretação foi dividida em duas, a produzida pela leitura científica e a de cunho filosófico, extraída por Jung, nos possibilita compreendermos que falta na leitura científica considerar os seus aspectos introvertidos. Portanto, a despreensão da ciência moderna e sua leitura positivista em entender corretamente parte das leituras sobre alquimia, impossibilita a melhor compreensão sobre essa área do saber.

O modelo de pensamento alquímico dissipou-se com o advento da ciência moderna — nada deixando a esta de seu ideário, mas apenas à utilização, em outro contexto, de seus instrumentos e substâncias — temos, desde já, a impressão de que esta forma milenar do saber não desapareceu do imaginário humano. (GOLDFARB, 2009, p. 38).

A autora nos apresenta seu pensamento sobre o momento em que a ciência moderna resgata apenas os textos extrovertidos da alquimia e utiliza eles de forma tecnicista, se aproveitando de seus instrumentos e técnicas e apagando assim o verdadeiro ideário da alquimia, pois a partir disso se modifica a visão construída historicamente sobre essa área do saber. Ao mesmo tempo, ela resgata que por mais que tenha sofrido um apagamento histórico por parte da ciência moderna, seus aspectos introspectivos, ou seja, seus símbolos, ainda remanesçam no imaginário humano até a contemporaneidade.

Bonardel defende que a ciência moderna deve resgatar a leitura introvertida da alquimia. Isso permitiria uma compreensão mais completa da alquimia, que é uma prática complexa e multifacetada. Argumenta que a ciência moderna, ao resgatar somente os textos extrovertidos da alquimia, desconsiderou a importância da leitura introvertida. Isso levou a uma visão distorcida da alquimia, que é vista como uma ciência puramente experimental, sem nenhum significado espiritual ou filosófico.

Portanto, uma coisa é, em si, perfeitamente legítima se perguntar sobre o status epistemológico ambíguo de uma teoria e de uma prática em que mesclam estreitamente ciência e arte, técnica e mística; e outra coisa é constatar que a marginalidade imposta pela modernidade à alquimia faz, quanto a ela, figura de fenômeno anedótico, se levarmos em conta a amplitude de sua influência na história das culturas e das ideias. (Bonardel, 2012, p. 14)

Vemos como a autora ressalta a marginalização imposta à alquimia pela modernidade científica. Esse momento, qual a ciência moderna interpreta a alquimia pelos seus aspectos extrovertidos e subjuga hierarquicamente os conhecimentos introvertidos, se dá a morte da alquimia, em que a química se torna não uma evolução da alquimia, mas uma ruptura, pois de nada sobrou do ideário alquímico nas estruturas da ciência moderna; permanece remanescente até os dias atuais por meio de leituras divergentes. A história canônica do conhecimento posto pela ciência moderna, é resgatada com as ciências humanas no século XX, em que se possibilita o estudo e interpretação desses conteúdos de forma rigorosa e não supersticiosa.

3. ALQUIMIA NA CONTEMPORANEIDADE

Figura 4 - Manfred M. Junius - Alchimia Verde Spagirica Vegetale.



Fonte: Junius (1979).

Nessa imagem, temos representada a trindade alquímica. A tríade (tripla manifestação da existência) de todas as coisas existentes encontra sua expressão alquímica nos três princípios filosóficos ou as três substâncias¹³. São eles o Sal como princípio estabilizador, o Enxofre como a chama interior e Mercúrio como o mediador entre os opostos, esses três princípios formam a base dos processos alquímicos, e a interação entre eles é crucial para a realização da Grande Obra.

¹³ Citação traduzida de JUNIUS, Manfred M. *Alchimia verde: spagirica vegetale*. Edizioni mediterranee, 1979.

3.1 Contribuições para a Ciência

A alquimia, apresenta contribuições significativas para a ciência, tanto no âmbito experimental quanto teórico. Inicialmente, a alquimia desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da química experimental. Os alquimistas eram alguns dos primeiros experimentadores sistemáticos, realizando testes práticos meticulosos, como dito antes, os textos extrovertidos da alquimia eram feitos a partir de registros das observações e da descrição dos processos laboratoriais, propondo métodos para transformações químicas.

Experimentos como o "banho-maria", usados para controlar a temperatura de reações químicas, são exemplos clássicos da influência da alquimia na ciência contemporânea. Essa técnica ainda é amplamente empregada em laboratórios, evidenciando a duradoura relevância das abordagens alquímicas na pesquisa científica. Além do "banho-maria" vários experimentos e técnicas alquímicas ainda são utilizados nos dias de hoje pela ciência. Muitos desses métodos evoluíram ao longo do tempo e se tornaram fundamentais em várias disciplinas científicas. Técnicas como a destilação, a sublimação, cristalização, extração, evaporação e combustão tem suas raízes na alquimia e esses métodos ainda desempenham um papel fundamental na pesquisa científica e na indústria contemporânea.

A alquimia também legou à ciência uma série de símbolos e terminologias que são usados até os dias de hoje. Os símbolos alquímicos, como o símbolo do mercúrio (Hg) e o símbolo do enxofre (S), têm raízes na alquimia e são amplamente reconhecidos na química moderna. Essa herança simbólica, que permite a comunicação eficaz de elementos químicos e compostos, é um exemplo tangível da influência da alquimia na ciência. Em um nível teórico, a alquimia também introduziu conceitos fundamentais que influenciaram o desenvolvimento da química. Por exemplo, a busca dos alquimistas pela "pedra filosofal", uma substância que supostamente transformaria qualquer metal em ouro, motivou a exploração das propriedades dos elementos e a compreensão de processos de transmutação. Embora a pedra filosofal tenha permanecido um mito, essa busca contribuiu para o estudo dos elementos químicos.

Durante a história, muitos estudiosos e cientistas notáveis também foram considerados alquimistas em suas respectivas épocas. Isso ocorreu porque a fronteira entre a alquimia e a ciência moderna, especialmente nos primórdios da revolução científica, era fluida. nomes como Isaac Newton, Robert Boyle, Paracelso e Roger Bacon são alguns cientistas, filósofos e médicos que também se consideravam alquimistas. Newton é amplamente conhecido por suas contribuições à física e à matemática, como a Lei da Gravitação Universal. No entanto, ele

também era um alquimista dedicado. Ele escreveu extensivamente sobre a alquimia e manteve um laboratório alquímico secreto. Alguns estudiosos argumentam que sua pesquisa alquímica influenciou suas investigações científicas. Boyle é considerado o pai da química moderna, ele era um ávido alquimista e escreveu sobre a relação entre alquimia e química, explorando a transmutação e as propriedades das substâncias. Paracelso, foi um médico, alquimista e astrólogo suíço-alemão, ele introduziu muitos conceitos revolucionários na medicina e na química e influenciou significativamente a alquimia. Bacon foi um filósofo e cientista, que também estava envolvido em estudos alquímicos.

Em síntese, a alquimia é uma área do saber que deixou um legado tangível e valioso para a ciência e a cultura. Suas contribuições experimentais, simbólicas e teóricas persistem como uma lembrança atemporal da busca humana pelo conhecimento e pelo domínio da natureza. Ela não apenas enriqueceu a química, mas também influenciou outras disciplinas, destacando seu impacto na história do pensamento humano. É importante lembrar que o objetivo não é ressaltar a alquimia como uma protociência¹⁴, mas entender que para além de seus verdadeiros objetivos, ela produziu um conhecimento que ecoa mesmo nas ciências da natureza.

3.2 Alquimia e as ciências humanas

A influência da alquimia nas ciências humanas abrange uma variedade de disciplinas, como psicologia, filosofia, sociologia e até mesmo antropologia. Ela fornece uma lente valiosa para examinar como os seres humanos lidam com algumas questões fundamentais. Do mesmo modo, as ciências humanas emergem na contemporaneidade como um campo de conhecimento único que permite uma análise rigorosa da alquimia. Enquanto a alquimia é frequentemente vista como um sistema misterioso e hermético, as ciências humanas fornecem as ferramentas conceituais e metodológicas necessárias para desvendar suas camadas de significado. Através da história, as ciências humanas contextualizam a alquimia, traçando suas origens, evolução e influências ao longo do tempo. Filosoficamente, as ciências humanas exploram os aspectos simbólicos e metafísicos da alquimia, desvendando seus vínculos com o pensamento filosófico ao longo da história. A alquimia muitas vezes se entrelaça com questões fundamentais da filosofia, como a natureza da realidade, a transformação da matéria e a busca espiritual. Essa

¹⁴ Esse termo é normalmente utilizado na linguagem científica para se referir ao início das práticas científicas, quando o método científico ainda era incipiente.

perspectiva filosófica na contemporaneidade ajuda a trazer à tona a relevância contínua da alquimia como uma disciplina que transcende os limites da ciência materialista.

A psicologia, especialmente a abordagem analítica de Carl Jung, desempenha um papel crucial na compreensão da alquimia. Jung reconheceu os elementos psicológicos profundos nos símbolos e rituais alquímicos, utilizando-os para desenvolver sua teoria da individuação e do inconsciente coletivo. Na contemporaneidade, a alquimia serve como uma janela para a exploração da psicologia humana, abordando questões de transformação pessoal, autorreflexão e crescimento espiritual. Essa abordagem psicológica e o uso de símbolos e metáforas alquímicas contribuíram para a compreensão do indivíduo, da cultura e da busca de significado em um mundo cada vez mais complexo. Ela permanece como uma fonte de inspiração e orientação para pessoas em busca de autoconhecimento e crescimento pessoal, ressoando com a necessidade de uma compreensão mais profunda de si mesmas e do mundo que as cerca.

É possível visualizar também as influências do pensamento alquímico na filosofia. Os alquimistas acreditavam que a transformação da matéria estava intrinsecamente ligada à transformação do eu, e essa ideia ressoa com as preocupações filosóficas sobre a natureza da realidade e da consciência. Na contemporaneidade, o conceito de que a busca da verdade e do autoconhecimento estão interconectados permanece influente, particularmente em filosofias que exploram a relação entre mente e matéria. Além disso, na contemporaneidade, a interpretação simbólica e metafórica desempenha um papel crucial em campos como a filosofia da mente e a hermenêutica filosófica, mostrando a continuidade dessa influência. A alquimia também promoveu a ideia de que a transformação pessoal e espiritual é alcançável, independentemente das circunstâncias externas. Esse aspecto ressoa na filosofia da emancipação e na busca da autenticidade. Por fim, a alquimia levanta questões filosóficas importantes sobre ética e moralidade, especialmente em relação ao uso de conhecimentos para transformar a natureza e a sociedade. A responsabilidade ética de nossas ações em relação à natureza e à tecnologia é um tema central na filosofia contemporânea, e as reflexões alquímicas sobre essas questões têm sua relevância, ao ponto que apresenta um modo diferente de se relacionar com a natureza.

Gaston Bachelard, por exemplo, era um filósofo da ciência que via a alquimia como um campo fértil para a reflexão filosófica. Ele argumentava que a alquimia, com sua linguagem simbólica e seu enfoque na transformação, poderia ser uma fonte de inspiração para repensar a filosofia da ciência. Bachelard destacava a importância dos símbolos e das metáforas presentes na alquimia, que poderiam enriquecer a compreensão do pensamento científico. Para ele, a

alquimia oferecia uma perspectiva poética da ciência, que poderia ajudar a superar a visão mecanicista da realidade. Sua relevância na contemporaneidade estava relacionada à busca por uma filosofia da ciência mais rica e sensível às complexidades do mundo natural.

Essa interação entre a alquimia e as ciências humanas é vital para a contemporaneidade, pois nos permite explorar um sistema de conhecimento que combina elementos históricos, filosóficos e psicológicos. Numa era em que a ciência moderna muitas vezes se concentra exclusivamente em aspectos materiais e quantificáveis, as ciências humanas abrem portas para a compreensão de sistemas de pensamento mais amplos e vitais. A alquimia, com sua rica herança simbólica e espiritual, oferece um terreno fértil para essa exploração interdisciplinar, trazendo à tona reflexões valiosas para a contemporaneidade.

3.3 Alquimia e cultura

A herança simbólica e cultural da alquimia na contemporaneidade é uma faceta fascinante e amplamente visível dessa tradição. Os símbolos e conceitos alquímicos continuam a desempenhar um papel significativo em várias esferas da cultura e da sociedade, mesmo em um mundo dominado pela ciência moderna. Esses símbolos são amplamente utilizados na cultura popular, na literatura, na arte e até mesmo na publicidade. Compreendemos, portanto, que a alquimia mesmo após sofrer um apagamento histórico pela leitura e interpretação da ciência moderna, ainda é remanescente na sociedade contemporânea, porém muitas vezes mal interpretadas e utilizadas de maneira deturpada, justamente por ter sido subjugada pelo paradigma científico, impedindo muitas vezes a interpretação e uso coerente que seu aspecto simbólico trás em suas manifestações.

Para evidenciar sua vivacidade na contemporaneidade iremos ressaltar algumas de suas principais influências em alguns campos da cultura. Por exemplo, os símbolos alquímicos são usados na publicidade para transmitir mensagens de transformação e evolução. Empresas, muitas vezes, incorporam esses símbolos em suas marcas e campanhas para transmitir a ideia de que seus produtos ou serviços podem causar uma mudança significativa na vida do consumidor. Até mesmo o capitalismo e a indústria tomam controle sobre o poder simbólico e utilizam dele em suas criações, porém aqui, diferente dos antigos alquimistas, os símbolos são utilizados com a finalidade de conquistar recursos econômicos, a partir da proposta de formar um ideário, uma identidade para essas marcas e empresas. Marcas bem-sucedidas associam seus símbolos a valores e significados que transcendem o produto em si. Isso pode incluir valores

como qualidade, inovação, sustentabilidade, tradição ou qualquer outra mensagem que a marca queira transmitir. O símbolo, nesse contexto, passa a representar esses valores para os consumidores.

Uma marca pode criar uma experiência simbólica em torno de seus produtos ou serviços. Isso vai além do simples uso funcional do produto e envolve o cliente em uma narrativa ou experiência que reforça o significado da marca. Algumas marcas conseguem associar seus símbolos a um status social desejado. Ter um produto ou usar um serviço de uma determinada marca pode sinalizar um certo nível de sucesso, bom gosto ou estilo de vida. Símbolos de marca podem evocar emoções profundas e positivas. Portanto, o poder do símbolo de uma marca reside em sua capacidade de ir além do produto ou serviço em si e criar uma conexão emocional e simbólica com os consumidores. Vemos aqui, um aspecto da alquimia sendo utilizado em prol do capital, a utilização de um símbolo que propõe um ideário de transformação, sendo usado para manipulação dos indivíduos com intuito de vender um produto.

Os símbolos alquímicos, como a Grande Obra, a Pedra Filosofal, o Mercúrio, o Enxofre e a união de opostos, têm uma versatilidade e profundidade que os tornam relevantes em áreas que vão desde a literatura até a psicologia. Na literatura, autores como Jorge Luis Borges e Joseph Campbell incorporaram elementos alquímicos em suas obras, explorando a jornada do herói em busca de iluminação e conhecimento. Como foi dito anteriormente, na psicologia, Carl G. Jung desenvolveu sua teoria da individuação com base em conceitos alquímicos, enfatizando a integração dos opostos e a busca do "si mesmo". Além disso, a herança simbólica da alquimia também se manifesta nas artes visuais, na música, na filosofia e na espiritualidade contemporânea.

Artistas e escritores frequentemente exploram temas alquímicos em suas obras. A alquimia fornece uma metáfora rica para narrativas de transformação e jornadas heroicas. Artistas como Salvador Dalí¹⁵ incorporaram simbolismo alquímico em suas pinturas, criando imagens carregadas de significado. Obras como *O Alquimista* de Paulo Coelho e a série *Harry Potter* de J.K. Rowling incorporam elementos alquímicos em suas histórias. *O Alquimista* é uma obra que abraça os princípios e simbolismo da alquimia, usando-os para contar uma história de autodescoberta, transformação e busca espiritual. A influência da alquimia na narrativa contribui para a riqueza simbólica e filosófica da obra. Do mesmo modo, a alquimia

¹⁵ Salvador Dalí possui um quadro chamado O Alquimista, de 1962.

desempenha um papel importante na construção do mundo mágico de *Harry Potter*, o qual vai para além da literatura e chega ao cinema. Pelo cinema ser uma arte de projeção visual, o aspecto simbólico e a semiótica se tornam muito relevantes, aspecto ao qual a alquimia e seus símbolos oferecem um vasto território de inspiração para cineastas, permitindo-lhes criar histórias ricas em significado e simbolismo com profundidade, ou seja, desempenha um papel importante na criação de narrativas cinematográficas.

A literatura é profundamente influenciada pelos conceitos alquímicos. Muitos romances e obras literárias exploram temas alquímicos, como a busca da imortalidade, a transformação da matéria e a jornada espiritual. Muitos artistas incorporam símbolos e temas alquímicos em suas obras como uma maneira de explorar questões de transformação, dualidade e evolução. Isso pode variar desde a pintura até a escultura, e até mesmo a arte digital. A cultura popular também abraça os símbolos alquímicos. Filmes, séries de TV e videogames frequentemente usam elementos alquímicos para adicionar profundidade e simbolismo às narrativas. A famosa série "Fullmetal Alchemist," um mangá e anime, explora diretamente os princípios alquímicos em sua trama, mostrando como a alquimia pode ser reinterpretada em contextos modernos.

A alquimia tem influência até mesmo na música, desde a temática das letras até as escolhas instrumentais e estilísticas. Um exemplo notável dessa influência é o álbum "A Tábua de Esmeralda" de Jorge Ben, lançado em 1974. Neste álbum, Jorge Ben explora elementos alquímicos em suas músicas, criando uma obra musical rica em simbolismo e profundidade, sendo seu álbum considerado até mesmo uma Obra Alquímica¹⁶. Como já dito antes, a "Tábua de Esmeralda" é, na tradição alquímica, um texto atribuído a Hermes Trismegisto que descreve os princípios fundamentais da alquimia. Nesse contexto, Jorge Ben utiliza de sua música para descrever os princípios da Tábua de Esmeralda, recitando todas as leis alquímicas de forma lírica. Consequentemente através das músicas, ele explora temas como a busca da sabedoria, a união de opostos e a jornada interior.

As músicas do álbum apresentam uma fusão única de influências musicais, incluindo samba, rock, funk e música africana. Essa fusão de estilos pode ser vista como uma representação da alquimia, que busca unir elementos díspares para criar algo novo e transformador. A música de Jorge Ben, assim como a alquimia, busca transcender as fronteiras e criar uma experiência musical enriquecedora. A capa do álbum, que apresenta uma ilustração da Tábua de Esmeralda, também é significativa. Ela simboliza a busca do conhecimento e da

¹⁶ MILLARCH, Aramis. Disco – Jorge Ben e a sua Tábua de Esmeralda. 1974.

iluminação, temas centrais na alquimia. A escolha desse símbolo para a capa do álbum reflete a profunda influência da alquimia na obra de Jorge Ben. Tudo isso torna "A Tábua de Esmeralda" de Jorge Ben um exemplo notável de como a alquimia pode influenciar a música, não apenas em termos de letras e temas, mas também na fusão de estilos musicais e na busca espiritual que permeia a obra. A alquimia fornece um rico contexto simbólico que enriquece a experiência musical e convida os ouvintes a explorar os significados mais profundos por trás das canções.

Há também a influência da alquimia na filosofia, que é profunda e multifacetada, uma vez que a alquimia engloba aspectos espirituais e simbólicos que têm implicações filosóficas significativas. Filósofos como Mircea Eliade e Gaston Bachelard reconheceram essa riqueza filosófica da alquimia ao analisar esse sistema de pensamento. Mircea Eliade, em sua obra *O Sagrado e o Profano* e *Ferreiros e Alquimistas* explora a alquimia como parte de um sistema simbólico mais amplo que aborda a relação entre o profano (o mundo material) e o sagrado (o divino). Ele argumenta que a alquimia representa uma tentativa de transcender os limites do mundo material e alcançar uma compreensão mais profunda da realidade. Eliade enfatiza como a alquimia está enraizada em um desejo humano intrínseco de transcender o mundo comum e alcançar um nível superior de consciência. Enquanto isso, Gaston Bachelard, em seu trabalho *A Poética do Espaço*, examina a alquimia como parte de um universo poético que vai além do materialismo estrito. Ele argumenta que a alquimia, com seus símbolos e metáforas complexas, cria um espaço poético que permite a exploração de ideias filosóficas e psicológicas. Bachelard vê a alquimia como um convite para a reflexão filosófica, pois seus símbolos e imagens desafiam a compreensão convencional do mundo. Assim, a alquimia se torna um veículo para a investigação filosófica de conceitos como transformação, dualidade e unidade.

A alquimia também desempenhou um papel importante no renascimento da espiritualidade e na busca por significados mais profundos na era moderna. Práticas como a alquimia interior, a meditação alquímica e a interpretação simbólica dos sonhos encontram raízes na tradição alquímica. Em resumo, a herança simbólica e cultural da alquimia na contemporaneidade é um reflexo da sua resiliência e riqueza simbólica. Os símbolos e conceitos alquímicos continuam a desafiar as fronteiras do conhecimento e essa herança simbólica e cultural é um testemunho da atemporalidade de seus princípios e símbolos. Eles continuam a oferecer um terreno fértil para exploração e interpretação, fornecendo camadas de significado e inspiração em várias disciplinas culturais e criativas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos esse trabalho com o intuito de elucidar o que é a alquimia, apresentando o percurso histórico de seu complexo surgimento até sua ruptura na Europa Medieval com o nascimento da química e o advento da ciência moderna. Observamos que era indispensável para a apresentação da alquimia, elucidar sua conexão com a psicologia, resgatada nas obras de Jung por meio das contribuições do conhecimento simbólico originado na alquimia. A partir disso, a apresentação de exemplos dos textos alquímicos e suas divergências, se tornaram fundamentais para estabelecer o processo de ruptura da alquímica à química, já que neles percebemos que determinado tipo de aspecto (extrovertido) foi utilizado como base para a fundação do pensamento científico na modernidade. Enquanto o outro aspecto (introvertido), responsável pelo simbolismo alquímico, foi descartado durante o processo de transição de um paradigma para o outro. Portanto, ao longo da história do conhecimento a alquimia sofreu um processo de apagamento de seu ideário.

É notável que o apagamento da alquimia enquanto área do saber independente, não foi suficiente para extingui-la do imaginário coletivo contemporâneo. Torna-se evidente que suas contribuições tanto culturais e tecnológicas quanto científicas foram de extrema relevância para a história do conhecimento. Resgatamos, portanto, inúmeros exemplos da vívida expressão do simbolismo alquímico em diversos meios recentes de manifestação cultural, exemplificando o argumento de que ela ainda é presente na sociedade. Apresentamos então a alquimia, com o intuito de estabelecê-la como um conhecimento possível na contemporaneidade, isso porque, seu conteúdo simbólico tem ricas contribuições para o entendimento do homem sobre si mesmo. A partir do simbolismo alquímico somos capazes de refletir sobre determinadas experiências humanas que a ciência moderna não possui competência; por isso o conhecimento alquímico, quando bem discernido, é capaz de se apresentar como um conhecimento complementar ao científico, já que uma de suas principais contribuições diz respeito a aspectos subjetivos e inconscientes do ser.

Com essas compreensões concluímos que o papel da filosofia e das ciências humanas em relação à alquimia é também o de reformular uma perspectiva mais abrangente sobre essa área do saber, corrigindo a redução histórica que ela sofreu com a leitura científicista. Isso possibilitaria oportunidades de reflexão crítica sobre o simbolismo alquímico e um modo possível dos indivíduos se relacionarem com os aspectos simbólicos e inconscientes da própria existência humana. Tal discernimento é ainda mais relevante em meio ao atual paradigma científico que reduz a concepção de mundo em detrimento da objetividade.

REFERÊNCIAS

- ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. **Da alquimia à química: um estudo sobre a passagem do pensamento mágico-vitalista ao mecanicismo**. In: Da Alquimia à química: um estudo sobre a passagem do pensamento mágico-vitalista ao mecanicismo. 2001, p247.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antônio da Costa Leal; Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p512.
- BEN JOR, Jorge. **A Tábua de Esmeralda**. Discografia, LP. Verbete da Enciclopédia. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra71064/a-tabua-de-esmeralda>. Acesso em: 07 nov. 2023.
- BONARDEL, Françoise. **Filosofar Pelo Fogo: Antologia de textos alquímicos**. Tradução: Idalina Lopes, Madras, São Paulo (SP), 2012, p608.
- BONARDEL, Françoise. **Filosofar pelo fogo: antologia de textos alquímicos. Tradução Idalina Lopes. São Paulo: Madras, 2012.**
- BURCKHARDT, Titus. **Alquimia: ciência do cosmos, ciência da alma**. Tradução de Bruno Costa Magalhães. Curitiba: Fons Vitae, 2023, p196.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 27ª Edição, Editora: José Olympio, 2015.
- DA SILVEIRA, Nise. **Jung: vida e obra**. Paz e Terra, Rio de Janeiro (RJ), 2023.
- ELIADE, Mircea. **Ferreiros e alquimistas**. Zahar ed., 1979.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p109.
- FERREIRA, Alvarez; ENCARNACION, Agripina. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos bachelardianos**. Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2013.
- GOETHE, Johann Wolfgang. **Fausto**. Océano exprés, 2020.
- JUNG, Carl G. et al. **O homem e seus símbolos**. HarperCollins Brasil, 2016.
- JUNG, Carl Gustav. **Estudos alquímicos vol. 13**. Tradução de Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva. Petrópolis (RJ): Vozes, 2016.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e alquimia**. Vol. 12. Editora Vozes Limitada, 2018.
- KLOSSOWSKI, Stanislas Rola. **Alquimia: a arte secreta (coleção mitos, deuses, mistérios)**. Edições Delprado, Curitiba (PR), 1996, p128.
- MAIER, Michael. **Atalanta fugiens**. Edizioni Mediterranee, 1984.

MILLARCH, Aramis. **Disco - Jorge Ben e a sua Tábua de Esmeralda**. Estado do Paraná, Seção Jornal do Espetáculo, 1974, p. 74. Disponível em: <https://www.millarch.org/artigo/disco-jorge-ben-sua-tabua-de-esmeralda>. Acesso em: 10 dez. 2023.

PATAI, Raphael. **Os Alquimistas Judeus**. Tradução de Maria Clara Cescato; Diana Souza Pereira. São Paulo: Perspectiva, 2009.

VON FRANZ, Marie-Luise. **Alchemy: an introduction to the symbolism and the psychology**. Inner City Books, Toronto (CA), 1980.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Alquimia e a imaginação ativa: estudos integrativos sobre imagens do inconsciente, sua personificação e cura**. Trad.: Pedro da Silva Dantas Júnior. 2. ed. – São Paulo: Editora Cultrix, 2022.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A alquimia e a imaginação ativa**. Cultrix, 1998.